



SOCILOGIA

O homem é (ainda) quem manda

Estudo mostra como o desemprego afeta a estrutura familiar

O homem vale mais que a mulher. A tese capaz de provocar a ira de qualquer feminista americana, à la Lorena Bobbit, é uma constatação do trabalho de Maria da Conceição Quinteiro, do Núcleo de Pesquisas em Relações Internacionais da USP. Em *Família, Trabalho e Gênero: Uma Análise Comparativa Portugal-Brasil*, a socióloga afirma que, apesar da surpreendente emancipação feminina neste século, a discri-

minação no trabalho é forte e o homem é quem manda ainda no sustento familiar.

O estudo, que contou com o apoio da FAPESP, em São Paulo, e do Instituto de Cooperação Científica Internacional (ICCI), em Lisboa, investiga o impacto do desemprego na organização da família em Portugal e no Brasil. Apoiada em depoimentos, estatísticas e vasta bibliografia, Maria da Conceição Quinteiro mostra como o desemprego masculino tende a causar efeitos mais negativos, uma vez que o trabalho assalariado feminino é visto apenas como uma ajuda complementar ao masculino na família e sociedade. “O homem desempregado vive um verdadeiro

inferno do ponto de vista da auto-estima. Já as mulheres, mesmo sofrendo a queda nos padrões de vida, sabem lidar melhor com isso, ocupando esse 'tempo livre' em maior contato com os filhos e as tarefas domésticas", explica.

Trabalho comparativo - Embora os encontros luso-brasileiros nas universidades brasileiras ocorram desde a década de 60, os trabalhos comparativos entre Brasil e Portugal são ainda recentes. E o da professora Conceição Quinteiro, como ela mesma ressalta, procurou “preencher essa lacuna e ampliar os horizontes”. A idéia de aproximar os dois países quanto ao impacto do trabalho na

estrutura familiar surgiu em 1997 e encontrou várias motivações: o catolicismo, a visão da mulher onipresente nas fases essenciais da vida do homem, mais fortemente marcado nessas culturas, e o fato de a população economicamente ativa apresentar graus de escolaridade relativamente baixos, sérias dificuldades, portanto, para países que querem fazer parte da economia globalizada.

Para compor o trabalho, que levou três anos de dedicação, Conceição Quinteiro serviu-se das fontes oficiais (Seade e IBGE, no caso do Brasil, e INE, em Portugal) e do depoimento de pessoas, os chamados desempregados de longa duração (12 meses sem vínculo empregatício). Foram entrevistados 40 desempregados em São Paulo e Lisboa, pertencentes a dois setores da economia, modelos no atual processo de reestruturação produtiva em tempos de globalização: indústria e serviços.

Fator de tensão - Os depoimentos mostraram que o fato de o homem não ser mais o provedor do sustento é fator de tensão e desorganização, mesmo em famílias nas quais a mulher continua trabalhando – e muitas vezes ganhando mais do que o homem. Mais do que os problemas de consumo, conforto e sobrevivência, isso acarreta danos profundos aos homens no âmbito emocional, já que se sentem subestimados e marginalizados.

As dicotomias que remontam à pólis grega – o homem ligado ao espaço público, à racionalidade e à cultura, a mulher ao doméstico, à natureza e à passionalidade – já não seriam traços superados? Segundo a pesquisa, não. Se a entrada maciça de mulheres na vida profissional contribuiu para evitar que estivessem sempre na defensiva, por outro lado não assegurou um equilíbrio. “Os exemplos mais visíveis de que a valoração social diferenciada persiste

são as posições desiguais no mercado de trabalho, na família, no casal, na política e assim por diante”, argumenta.

A pesquisa aponta também como o padrão de consumo e de expectativa social dos desempregados da área de indústria é menor em relação aos do setor de serviços. “Um



Conceição: desigualdade no trabalho e na família

empregado da indústria não se envergonha em dizer que está desempregado. Ele, inclusive, recorre aos amigos e aos sindicatos, faz bicos, vende coxinha. Se é metalúrgico, mas entende de encanamento, vai fazer isso para sobreviver”, ressalta. Essa flexibilidade de saber fazer parece ser muito mais frequente no pessoal da indústria do que no de serviços. O desempregado nessa área não é capaz de inventar e de criar experiências para sobreviver a não ser dentro do ramo em que foi criado. E mais do que isso, frequentemente, não diz que está desempregado com medo da repressão social.

Lendo nos entrenúmeros - Embora Maria da Conceição Quinteiro te-

nha se servido de números oficiais para traçar um quadro comparativo da ocupação feminina e masculina nas áreas metropolitanas de Lisboa e São Paulo, ela insiste em dizer que o trabalho é mais qualitativo do que quantitativo. “Os números não dizem muita coisa, não pegam as nuances do processo. Eles precisam ser capturados pela fala das pessoas.”

O ato de ler nos “entrenúmeros” se aplicaria ao relativo êxito feminino no mercado de trabalho hoje no Brasil. As feministas nacionais argumentariam que há um *boom* de ofertas de emprego para as mulheres. Segundo informam dados do IBGE, entre 1989 e 1999, foram abertos 10,1 milhões de postos de trabalho no Brasil. Quase 7 milhões de vagas foram ocupadas exclusivamente pela mulher, enquanto somente 3,1 milhões de postos de trabalho foram preenchidos pelos homens.

A entrada da mulher no mercado de trabalho depende muitas vezes não da capacitação profissional e da oferta de empregos, mas da conciliação possível entre suas responsabilidades familiares e profissionais. Nesse sentido, a aprovação da licença-maternidade, na Constituição de 1988 no Brasil, teria sido dado positivo.

Mesmo assim, a professora alerta que é preciso relativizar esses números: “Quanto mais alto o cargo, mais será preenchido por homens. Isso não significa que elas sejam incapazes ou menos instruídas – a participação crescente das mulheres nos bancos escolares é maior que a dos homens –, mas o salário é inferior, um dado concreto da discriminação salarial.”

A pesquisa também constata que Portugal está mais preparado que o Brasil para reintroduzir os profissionais no mercado. Lá há inúmeros centros de formação e capacitação e a legislação trabalhista está muito mais flexível – embora ainda não seja completamente para a mulher.

SILVIO FERREIRA

ENTREVISTA

Investidas contra a fragmentação

Para a suposta corrosão do caráter e perda de valores trazida pela flexibilização e instabilidade do trabalho hoje, a família aparece como único porto seguro. Apesar do rótulo de repressora para as gerações dos anos 60 e 70, a família continua a ser o lócus de segurança emocional. “Na medida em que a solidariedade, sobretudo nas grandes cidades vai se desfazendo com o narcisismo, só resta a família. Ela é vital para a sobrevivência material e emocional.”

O ônus da liberdade - Quanto ao quadro nada róseo para as mulheres, a romancista Louise de Vilморin, colecionadora de amantes célebres (Malraux e Orson Welles), teria razão ao afirmar que “para uma mulher não há nada pior do que ser livre”? “A liberdade para as mulheres é recente e relativa, significa ir à luta, trabalhar mais de oito horas por dia, ir para casa trabalhar outras tantas horas, cuidar da família, dos filhos, das tarefas domésticas que continuam à espera. É um ônus muito grande, uma jornada tripla. A liberdade plena só existirá quando houver equidade entre direitos e deveres de homens e mulheres”, argumenta.

Por enquanto, o mundo do trabalho remunerado ainda faz parte da identidade masculina, e sobre essas injustiças a professora Maria da Conceição Quinteiro espera desenvolver outros projetos – sempre no eixo Brasil-Portugal. •

PERFIL:

• MARIA DA CONCEIÇÃO QUINTEIRO é graduada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, onde fez o mestrado e o doutorado em Sociologia e pós-doutorado pela Universidade de Oxford. É pesquisadora do Núcleo de Pesquisas em Relações Internacionais da USP. Projeto: *Família, Trabalho e Gênero: Uma Análise Comparativa Portugal-Brasil*. Investimento: R\$ 12.550,00

Para Michel Vovelle, é tempo de reencontrar um sentido para a história

Michel Vovelle foi um dos conferencistas do XV Encontro Regional de História, promovido pelo núcleo paulista da Associação Nacional de História, de 4 a 8 de setembro, no departamento de História da Universidade de São Paulo (USP). O tema do encontro, que recebeu da FAPESP auxílio a organização de reunião científica, foi *História no Ano 2000: Perspectivas*. O tema da conferência de Vovelle, *Jacobinos e Jacobinismo: história de uma prática revolucionária e historiografia de um conceito (séculos XIX e XX)* –, o mesmo de seu livro mais recente, lançado em 1998 na Itália, em 1999, na França e, agora, no Brasil.

Jacobinos e Jacobinismo, saudado por historiadores um tanto esgotados com as teses de uma nova história que pulveriza seus próprios objetos para chegar, no limite, ao próprio fim da história, é um entre cerca de três dezenas de livros de Vovelle. Historiador respeitado, ele é considerado um dos maiores especialistas em Revolução Francesa – o que ajudou a levá-lo à direção do Instituto de História da Revolução Francesa, em sua atuação como homem público. Professor da Sorbonne (Paris 1), suas pesquisas, embora concentradas na história das mentalidades, nunca descartaram o arsenal teórico e metodológico de fundamentação marxista que constituiu a base de sua formação. Em sua passagem por São

Paulo, Vovelle concedeu a Mariluce Moura a seguinte entrevista.

■ Na apresentação de seu livro *Jacobinos e Jacobinismo*, o professor José Jobson de Andrade Arruda o classifica como um pioneiro na construção da ponte entre a história de fundamentação marxista e a história das mentalidades. Em sua própria visão, como se constitui essa ponte em sua obra?

— Eu pertenço a uma geração de historiadores formados no



MIGUEL BOYVAN

método da história social dos anos 60, da qual meu mestre, Ernest Labrousse, era o representante. E essa história social quantitativa, que estabelece medidas e pesos, mantém de bom grado suas referências no marxismo. O próprio Labrousse se inscreveu sem ostentação nessa continuidade. E sob sua direção, eu empreendi estudos de história social, história agrária, de relações no campo... A minha geração, em grande parte, conheceu essa tradição e depois, talvez, uma mutação da vocação. Tomo como exemplo um colega